

Selecionar para prevenir

Técnica de seleção de embriões a partir da fertilização in vitro visa evitar doenças genéticas em futuras gerações. Conheça os avanços da ciência na aplicação dessa técnica

POR TAINÁ HURTADO*

Querer proteger os filhos dos desafios da vida, das doenças e das decepções é vontade unânime entre pais e mães. Nem sempre é possível prevenir certas adversidades, porém a ciência tem sido cada vez mais eficiente nesse aspecto. O método de seleção de embriões a partir da fertilização in vitro vem se mostrando eficaz na prevenção de síndromes e doenças genéticas das próximas gerações. “É normal que pessoas que têm essas doenças e desejam ser mães se preocupem em não transmitir a mesma alteração genética para os descendentes”, afirma o oncologista clínico Rodrigo Guindalini.

Segundo o 14º relatório do SisEmbryo (Sistema Nacional de Produção de Embriões), divulgado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 2021, houve a realização de 45.952 ciclos de fertilização in vitro no país. No mesmo ano, foram congelados 114.372 embriões, demonstrando aumento em comparação com os 88.503 de 2020.

A técnica de fertilização in vitro, que teve o primeiro sucesso em 1978, na Inglaterra, é muito utilizada por casais com dificuldade de engravidar e tem sido procurada cada vez mais por famílias que apresentam doenças genéticas. O processo é regulamentada pela Anvisa e é usado apenas para questões de saúde, nunca estética.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**

Fertilização in vitro (FIV)

Segundo o médico especialista em reprodução humana Antônio César Paes Barbosa, para a análise e a seleção de embriões, é necessária a realização de um processo de reprodução assistida. “Ele é composto de várias fases, começando com a super indução da ovulação, passando pela punção ovariana, procedimento realizado em ambiente cirúrgico e habitualmente com anestesia do tipo sedação”, explica.

Após a obtenção dos óvulos, inicia-se o processo de fertilização em laboratório, sendo o mais comum a FIV, que consiste na fecundação do óvulo com o espermatozoide em um mesmo recipiente, formando embriões que serão observados, selecionados e transferidos para o útero materno, dando continuidade à gestação.

Diagnóstico Genético Pré-Implantacional (PGD)

O oncologista clínico Rodrigo Guindalini explica que, ao atingir uma fase de desenvolvimento, o embrião passa pela retirada de algumas células desse embrião para fazer o teste específico. “Quando o embrião já está mais desenvolvido, na fase chamada de blastocisto, é o momento em que você faz a investigação para saber se ele tem ou não a alteração genética”, detalha.

É importante que o embrião tenha chegado nessa fase de desenvolvimento para que se possa fazer a retirada das células, o chamado Diagnóstico Genético Pré-Implantacional (PGD), sem prejudicá-lo. A partir disso, descobre-se se há ou não a presença da alteração genética e, então, faz-se a seleção dos embriões que não a possuem. “Se o embrião herdou a alteração genética, ele tem uma chance, se vier a se desenvolver em bebê, de manifestar a doença”, diz Rodrigo.

